

A LITERATURA E A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM DANDARA, A HEROÍNA NEGRA DE PALMARES

Karla Cristina Eiterer Rocha*
Enilce do Carmo Albergaria Rocha**

RESUMO: O presente artigo visa apresentar o livro *As lendas de Dandara* da escritora Jarid Arraes que é uma narrativa de resgate da memória e da História. O livro é um cordel que conta a história de uma mulher negra que foi uma grande líder, uma grande guerreira que lutou ao lado de Zumbi dos Palmares, para defender os negros e o Quilombo.

Palavras-chave: Literatura. Representação. Heroína. Mulher. Dandara.

Uma breve introdução

A escrita da mulher na literatura ainda é algo recente. Sabemos que não é o sexo que define o escritor, mas que o olhar feminino sobre o mundo tem suas próprias nuances. Mulheres são tão competentes tanto quanto os homens, para trabalhar com a escrita. Depois de anos de silêncio e opressão, não podem mais se calar. Existe sim, uma desigualdade de gêneros, priorizando a escrita masculina até nos dias de hoje como algo mais valoroso, mas precisamos promover essa igualdade através de leituras e escritas femininas. Como destaca Mirian Cristina dos Santos (2018) a nossa construção cultural reforça preconceitos, estereótipos e violência contra as mulheres. É uma estrutura de dominação que intimida e silencia. Sabemos que no passado a leitura e escrita foram negadas às mulheres, e às escritas femininas, também descobrimos que por trás de muitas assinaturas masculinas, o esforço de produção teria sido feminino, pois o lugar de fala era permitido somente aos homens os quais exerciam esta profissão e já tinham credibilidade no mercado.

A representatividade das mulheres na literatura tem crescido com um viés político e se fortalecido. Porém, ainda é preciso reforçar a luta para que as mulheres sejam reconhecidas no mundo das letras. Precisamos ter seus talentos destacados e divulgados. Escritoras geniais na contemporaneidade se destacam por estilos e formas, muitas técnicas narrativas inovadoras, são produtos do seu tempo e à frente dele.

Estas escritas de mulheres as quais me refiro são verdadeiras obras de arte, como salienta Adriana Facina (2004) As escritoras aliam a cultura à literatura e apresentam essa produção à sociedade, pois quando as autoras são engajadas, elas veem sua obra como um instrumento, para mudar o mundo: ideias, valores e opiniões são indissociáveis na construção de uma escrita que marcará o seu tempo e apresentará a sua capacidade artística, o seu produto estético, histórico e literário que responderá a algumas questões as quais sempre afligiram a sociedade. As mulheres em sua maioria são sempre aquelas que produzem reflexões a partir de um engajamento político, sejam através de textos mais críticos, intimistas ou líricos.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: karlaeiterersantana78@gmail.com

** Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras da UFJF. E-mail: enilcejf@gmail.com

O reconhecimento da mulher como intelectual ainda é motivo de luta para as que desejam alcançar o seu espaço, o direito de ter um teto todo seu, como registrou Virgínia Woolf, em seu livro que foi publicado em 1929. A autora parte do preconceito literário, campo que conhece bem, demonstrando preocupação com a subjugação da mulher e argumenta que deve haver meios igualitários entre os sexos, pois assim como o homem, a mulher também precisa ter o seu espaço para escrita. Havia poucas discussões sobre o tema da mulher e a escrita feminina, sentindo então ela mesma, grande necessidade de promovê-las. A teoria de Virgínia Woolf apresentada foi reeditada muitas vezes e tornou-se motivo de leituras e pesquisa para muitas pessoas, pois trazem muitos questionamentos, argumentação, ficção e inovação para sua época, se estendendo até hoje e nos surpreendendo com a coerência de seu texto. Todos que puderam ter contato com esse ensaio, observarem a importância que ele traz para a nossa fortuna crítica.

Simone Beauvoir (1990) também traz discussões pertinentes em seu livro *O segundo sexo*, no qual ela questiona privilégios masculinos e observa diferenças entre os homens e as mulheres, contestando as condições desumanas que envolviam a mulheres e a falta de liberdade que não as permitiam ser, elas mesmas. As mulheres já foram chamadas de fêmeas e os homens de seres humanos. As mulheres eram oprimidas pela sociedade machista e sexista que visava o homem como ser superior que não podia ser questionado. A autora acreditava na afirmação das mulheres como seres humanos dignos, assim como eram vistos os homens, as mulheres deveriam ser percebidas nas suas qualidades, nos seus valores e modos de vida.

Claro que os espaços unicamente masculinos foram cada vez mais contestados pelas mulheres as quais viviam sob o julgamento de preconceitos sociais e sob a égide conceitos predominantemente patriarcais. A literatura feminina não teria mesmo muito espaço para acessar o mundo e se libertar, se não fosse por essas corajosas e subversivas autoras que destacamos anteriormente, à mulher ainda seria reservado apenas o espaço da casa, um ser sempre inferior ao homem. Então uma questão nos persegue nessa jornada literária: o que seria primário o valor da literatura produzida ou o gênero?

A reflexão sobre o tema da autoria feminina é uma constante dentro de grupos que debatem e se preocupam com a ascensão da mulher na escrita dentro da produção literária de autoria feminina, existem muitos debates relevantes sobre essa escrita, mas creio que a grande preocupação não seja a de descentralizar a literatura produzida por homens, mas ir além das questões de gênero e perpassar as discussões sobre assuntos variados como: alteridade, etnia, corpo, identidade, exclusão, opressão, subalternidade.

Apresentar essa subversão e a resistência de muitas escritoras, diante da sociedade que as excluem, é problematizar e avançar na luta que busca a representação, e do resgate de identidades e subjetividades das mulheres. Suas contestações passam pela escrita de si e pela multiplicidade de papéis que uma mulher pode construir ou representar na sociedade, e para a sociedade, apontando a relevância das ressignificações.

No presente artigo queremos dar ênfase personagem Dandara, pois sabemos pouco sobre as suas origens e percebemos que ela foi praticamente ignorada em textos oficiais sobre Palmares, pois vivemos numa sociedade sexista e racista, mas essa mulher negra sobreviveu no imaginário do povo o qual relata sobre a capacidade da guerreira de liderar e o espírito de resistência. O mais curioso desse fato histórico é perceber o quanto a falta de registros sobre as mulheres foi prejudicial, para a nossa História, pois apesar de ter sido extraordinária, não sabemos muito ao certo o que aconteceu com ela. Ao passo que vamos revendo o passando, podemos contestar o presente e planejar um futuro, no qual textos deixados completamente à

margem possam emergir e entrar nas discussões acadêmicas que visem, de fato, uma nova história da História.

Durante os quase quatro séculos de escravidão negra no Brasil, a luta do povo negro e sua resistência sofreram inúmeras tentativas sucessivas de serem apagadas das páginas da história oficial, das elites. Por isso precisamos dessa postura de uma pesquisa que reescreva a História e dê a oportunidade, para que as pessoas possam fazer outras leituras desse mesmo momento histórico, a partir da visão de outras narrativas.

Reescrevendo esse momento importante do nosso passado que resgata a memória e a História, aliado à literatura, possibilita outras leituras sobre esse mesmo tema, mas com acréscimos que deem voz aos que não puderam contar as suas próprias versões. A obra que escolhemos apresentar transita entre a história e a ficção, causando certa polêmica, em razão de sua existência ser de fato contestada, pois os registros sobre Palmares que são considerados oficiais tocam apenas tangencialmente no nome de Dandara. A heroína de fato, permaneceu no imaginário do povo, nas histórias orais que foram passadas de geração para geração.

Sobre o texto narrativo

As lendas de Dandara trata-se de um romance cordelista, um recorte da História que se passa no quilombo dos palmares, feito pela escritora Jarid Arraes, a autora é feminista engajada politicamente, poeta e também cordelista. Entre seus escritos encontramos também *Heroínas Negras Brasileiras* em quinze cordéis. Arraes (1991) nasceu em Juazeiro do Norte, região do Cariri, Ceará e atualmente vive em São Paulo. É filha e neta de cordelistas.

Descrita como uma heroína, Dandara dominava as incríveis técnicas da capoeira e lutou ao lado de homens e mulheres nas muitas batalhas e ataques a Palmares, estabelecido no século XVII na Serra da Barriga, situada na então Capitania de Pernambuco em região do atual estado de Alagoas, cujo acesso era dificultado pela geografia e também pela vegetação densa. Sempre perseguindo o ideal de liberdade, Dandara não tinha limites quando o que estava em jogo era a segurança do quilombo e a eliminação dos inimigos. Não se sabe se Dandara nasceu no Brasil ou no continente africano, mas teria se juntado ainda menina ao grupo de negros que desafiaram o sistema colonial escravista por quase um século. Ela participava também da elaboração das estratégias de resistência do quilombo.

O livro foi dividido em dez capítulos, cada um contendo uma ilustração que contempla aquela parte da história. As ilustrações contam com uma história paralela, ao texto verbal que reforça e enriquece os elogios que acompanham os heróis de Palmares e seus grandes feitos. A arte foi feita por Aline Valek, que nasceu em Governador Valadares, Minas Gerais, mas atualmente, também reside em São Paulo, além de ser ilustradora também é escritora, autora de dois livros: *Pequenas tiraniase hipersonia crônica* e o romance *As águas vivas não sabem de si*. É colunista da revista *Capital* e cocriadora e editora de selo independente de ficção científica.

Dandara nesse cordel divide a cena com o maior Líder do Quilombo: Zumbi. Ambos guerriavam juntos contra as invasões feitas a Palmares. Ele é um deus da guerra e ela uma grande guerreira a qual se torna sua esposa. Ambos são mitos que participam de muitas versões, na tentativa de preencher as lacunas, deixadas pela história hegemônica. Não menos importante que a História são os discursos poéticos e literários, que passam a acrescentar importantes informações que se baseiam em diversas formas de pesquisas, acompanhados do

poder de criação e ficcionalização, os quais nos encantam e ajudam a resgatar e valorizar a nossa História:

Zumbi nutria por ela uma admiração que se confundia com adoração. Às vezes, sentia até um certo temor, um sentimento que o colocava em posição de distanciamento, ao mesmo tempo que desejava lhe beijar as mãos com afeto sofrido. Almejava a vida compartilhada, a palhoça dividida e a imagem de seus cavalos lado a lado, na linha de frente de todas as batalhas e vitórias (ARRAES, 2016, p. 72).

A primeira publicação de *As lendas de Dandara* foi feita de maneira independente no ano de 2015 e com o apoio de muitas pessoas que compraram essa primeira edição foi esgotada. Segundo a autora, o texto nasceu de um artigo que escreveu para a sua coluna *Questão de Gênero* no site da revista *Fórum*. O artigo foi escrito por ocasião da proximidade do Dia da Consciência Negra, intitulado *E Dandara dos Palmares, vocês sabem quem foi?*. A publicação do artigo visava questionar, denunciar o machismo e racismo.

O livro ficou pronto dentro de um mês por conta da dedicação e atenção total que Jarid Arraes prestou a ele. Foi lançado em julho de 2015, na Casa de Lua. É uma publicação independente, por isso só pode ser comprado pela internet. Ele traz além da releitura da História, a afirmação da mulher negra, inclui matrizes africanas e orixás que valorizam a espiritualidade dos afrodescendentes.

A maior importância do livro é a representatividade da mulher negra como uma grande líder, pois aos nove anos de idade ela já era uma heroína que explorava todos os cantos da mata e realizava grandes feitos. Para Dandara, todas as mulheres deveriam ser guerreiras, por isso fazia questão de provar a sua coragem, todos os momentos que tinha oportunidade de fazê-lo: “Dandara vivia na constante expectativa de provar sua coragem e valor para as batalhas. Tinha a sensação de que guerreiros a aceitavam por perto porque era criança e não podia se arriscar em lutas pesadas. Mas não parava de questionar-se, quando crescesse e tivesse idade suficiente, iria poder se juntar a eles de fato” (ARRAES, 2016, p. 41).

Diante dessa narrativa heroica, crianças e jovens negros tem acesso a uma personagem com a qual podem se identificar. E isso é importante para a autoestima e para o pertencimento coletivo tanto quanto para se combater o racismo, pois todas as pessoas ficam sabendo de um lado da história que não é contado. Muitos de nós aprendemos que a população negra se resignava a escravidão e não lutava, mas essa é uma mentira que precisa ser desmascarada por todas as fontes possíveis como: nos materiais escolares, nos trabalhos acadêmicos, nas palestras, nos congressos, nas revistas e nos livros.

O texto foi baseado em relatos orais e em poucos textos escritos que a autora encontrou. A pesquisa que feita pela escritora foi bem conturbada, já que a mídia não retrata mulheres negras, dificilmente falaria sobre uma guerreira tão importante e que carrega tanta simbologia, para outras mulheres. Para criar sua personagem além das pesquisas a autora inspirou-se nas mulheres negras que lutam todos os dias contra o racismo e o machismo, mulheres que foram protagonistas e tiveram sua força e coragem reconhecidas. São mulheres diversas que transformam o mundo e abrem caminhos novos por onde podemos andar.

O cordel de Jarid Arraes é um ótimo ponto de partida, para refletir e discutir a respeito da heroína. A autora inseriu Dandara em situações que exercia liderança e nas lutas ao lado de Zumbi, ela era tão importante quanto o seu amado e juntos venceram muitas batalhas. Dandara contribuiu com toda a construção da sociedade de Palmares, e para sua organização socioeconômica, política e familiar. As mulheres se espelhavam nessa guerreira:

Ninguém sentia medo. Dandara havia se encarregado de acompanhar cada um deles, como técnica de fortalecimento mental, longas conversas e orientações estratégicas para quase todas as situações possíveis. As mulheres se espelhavam em Dandara e se consideravam preparadas para as batalhas; se sentiam unidas pela imagem da líder, refletidas umas nas outras (ARRAES, 2016, p. 103).

No Quilombo, todas as funções poderiam ser exercidas por pessoas de ambos os sexos. A guerreira dominava as técnicas de capoeira e lutou esplendidamente ao lado de homens e mulheres, em muitas batalhas para proteger Palmares. Ela participava também da elaboração das estratégias de resistência do quilombo. Sua posição era sempre de enfrentamento: “Dandara subiu em uma árvore e ficou de pé sobre um galho grosso, para que a multidão de palmarinos a enxergasse e ouvisse sem dificuldades” (ARRAES, 2016, p. 105).

A grande líder é recordada pelo povo negro, como aquela que lutou e permaneceu lutando. A mulher negra que guerreava juntamente com o exército de Zumbi composto de maioria masculina, porém muitas vezes até liderava-o. Passou a ser uma figura que carrega representatividade, para aqueles que acreditavam que resistindo iriam vencer a grande batalha. Sua presença muitas vezes, deixava alguns homens admirados, espantados e até pasmados. Como podemos observar no seguinte excerto: “– Eu sou guerreira do Quilombo de Palmares. Vim aqui para entregar o controle deste navio nas mãos de alguém capaz de guiá-lo de volta ao porto de onde saiu. (...) Dandara estava ardendo em energia, passando o seu olhar por todo porto(...) (ARRAES, 2016, p. 62).

Em sua narrativa a autora destaca a importância da beleza e do talento de Dandara que lutou ao lado do rei dos Palmares, mostrando toda a sua força, a coragem e habilidade para a guerra. Como podemos perceber na passagem narrada pelo personagem *Kambo*: “-Ela lutou sozinha contra quatro homens brancos! – dizia, gabando-se como se os seus olhos tivessem realmente sido testemunhas do entrevero” (ARRAES, 2016, p. 66).

Para a escritora, toda mulher negra tem muito dessa heroína e inspiram-se na sua coragem, na sua força, buscando representação em sua trajetória, ainda que seja uma lenda, ou tenha sido uma mulher real, sempre será uma inspiração, para seguirem com as lutas contra o racismo e contra o machismo que continuam até os dias atuais.

O que diferencia esse texto dos demais é que as cenas de liderança são divididas entre Zumbi e Dandara. Ambos guerreiam juntos contra as invasões feitas ao Quilombo. Há muitas passagens no cordel que podemos observar a relação dos líderes: “Embora abatida, Dandara não descuidava dos treinamentos. Com rumores de guerra, Palmares precisava se prevenir em todos os aspectos. Zumbi e Dandara desempenhavam as funções necessárias, cobrindo as áreas do quilombo para que tudo pudesse ser feito com mais rapidez” (ARRAES, 2016, p. 118).

Zumbi dizia que amava sua esposa e ela o retribuía. Juntos libertaram muitos negros. E em todas as batalhas, zumbi fazia questão de sua companheira liderando exército palmarino. Infelizmente, como apresentado pela narrativa na última batalha de Palmares, Zumbi e Dandara não tiveram tempo de trocar palavras:

Se ao menos tivesse esperado mais dois minutos, teria encontrado Dandara, supunha. A guerreira voltava para a clareira naquele momento, olhando para atrás. A poucos metros dali, tinha enfrentado sozinha um grupo de homens brancos com arma de fogo. Escapara por pouco. Escapara por pouco, mas não a tempo de encontrar Zumbi. Apenas o viu fugindo, fazendo sinal para que os outros guerreiros

o seguissem. Embora quisesse acompanhá-los, foi detida por um soldado bloqueando o seu caminho (ARRAES, 2016, p. 120).

Juntos, o casal de guerreiros, resistiu mesmo no final da batalha, com poucos guerreiros, Zumbi estimulava os malungos a vencerem e Dandara enquanto dançava dando golpes precisos, ia também cortando gargantas. Ela sentia no seu corpo, o sofrimento de um continente inteiro, mas enfrentava os soldados brancos, corajosamente e sempre tinha seu amado em seus pensamentos.

A liderança de Zumbi ainda era muito forte, gritava encorajando seus malungos, mas percebia que aquela guerra seria diferente das outras e aos poucos foram se perdendo um do outro: “Estavam ocupados demais, protegendo outras pessoas e tentando exercer seus papéis de líderes. Com muita precisão, pareciam ensaiados, como se dançassem juntos, embora em palcos separados” (ARRAES, 2016, p. 119).

O heroísmo de Dandara foi a força motriz que fez com que seu nome ecoasse, durante todo esse tempo e chegasse até nós, para que pudéssemos contemplar esse exemplo de grande mulher negra que lutava com homens brancos, como ninguém, não se adequava muito aos serviços domésticos, mas tinha ótimas ideias e estratégias para guerra. E Sempre defendia o quilombo com toda sua força. A líder palmarina foi uma guerreira que vivia em harmonia com a mata e tratava a pedra como seu cordão umbilical. Sua história foi escrita com louvor, protegida por Iansã que lhe dizia ter um futuro promissor:

Quanto mais Dandara passeava pelo quilombo, mais sentia um renovar de energias. Ela amava conhecer e reconhecer minuciosamente as redondezas e até elegeu seus lugares favoritos: a clareira, onde praticava capoeira, e a pedra que ficava próxima de um dos lados da fronteira. Na clareira, Dandara gostava da companhia do momentos de cumplicidade e da ajuda mútua que ofereciam uns aos outros para aperfeiçoar a luta; mas, na pedra, seu grande prazer era a solidão. Lá bem do alto podia conversar consigo mesma e sentir uma ligação profunda com Palmares. A pedra era o seu cordão umbilical com o quilombo (ARRAES, 2016, p. 49).

Quando nos recordamos do passado no nosso presente, percebemos o quanto a sociedade brasileira, ainda precisa admitir o seu racismo e reconhecer as consequências da escravidão que perdura até hoje. É preciso que a partir dessa consciência, todos se movimentem, todos lutem, para combater as desigualdades sociais e raciais. Sem que o racismo seja reconhecido, não há como combatê-lo. As pessoas precisam parar de repetir os erros do passado e se unirem promovendo a igualdade, pois essas diferenças que exaltam alguns grupos e diminuem outros, existem até hoje na nossa sociedade, de maneira efetivamente real.

Sem que isso seja feito, nada será mudado e o racismo continuará sendo perpetuado, gerando mortes, sofrimentos reais, resultados terríveis. E também é preciso que a história afro-brasileira seja contada, que seja valorizada, nos contextos escolares, nos meios acadêmicos, até com o vizinho, pois as pessoas precisam conhecer esses fatos ainda escondidos. Só a união das vozes poderá romper com as mentiras racistas contadas sobre as pessoas negras. O racismo e o machismo fazem parte da história de muitas mulheres, desde violências psicológicas até violências sexuais. A forma como essas mulheres experienciaram as questões que viveram e sobreviveram nos levam a refletir sobre as nossas condições. E foram das mais variadas formas. Esses textos tem um papel importante na promoção de

conscientização de outras mulheres, pois as situações vividas que envolviam direitos violados, sofrimentos e dores podem impactar leitores e leitoras fazendo-os repensar seus valores.

No caso da literatura, a pior parte é que nem sempre escrever algo de qualidade é suficiente para obter um espaço e reconhecimento, pois alguns temas e algumas pessoas nem sempre são bem-vindas em editoras e eventos de literatura. Sabemos que toda literatura tem impacto social, mas é importante pensar sobre o tipo de impacto está sendo causado. Uma obra pode naturalizar o racismo ou pode apresentá-lo de uma forma crítica, por exemplo: tentar romper preconceitos porque acreditamos na igualdade social.

Acreditamos que o livro *As lendas de Dandara* pode ser visto a partir de um viés do feminismo negro e do debate sobre a história afro-brasileira. Devemos questionar ainda, o que significa ser mulher e quais mulheres têm conquistado espaço no mercado literário. Ao fazer essa leitura concluímos que toda mulher negra tem muito de Dandara. Somos todas de alguma forma, Dandaras! Creemos que o segredo da coragem e da força está na colaboração coletiva, no reconhecimento das outras, como parte inseparável de si mesma, pois nós chegamos muito mais longe do que se quer poderíamos imaginar. Dandara, foi o símbolo de força da mulher negra, empoderada, cercada de mistérios e conhecedora das técnicas da capoeira que a permitiam lutar. Ela nasceu para ser uma líder: “Dandara ensinava aos guerreiros posições melhores para a luta, enquanto todos aguardavam que a reunião da tarde começasse. A guerreira exibia os músculos rígidos de sua panturrilha quando colocava o peso sobre uma das pernas” (ARRAES, 2016, p. 55).

Sobre o texto imagético

Como observa analogicamente Martine Joly (1996), palavra e imagem são como cadeira e mesa que para nos sentarmos, precisaremos das duas, ambas se completarão, apesar de terem especificidades próprias de suas linguagens. Falando em especial das autoras cuja obra trouxemos para discussão, há uma interação muito forte no uso que fizeram de suas artes, são trabalhos deslumbrantes e inovadores. As autoras destacam a heroína negra: Dandara uma mulher que lidera o exército palamarino, ao lado de Zumbi dos Palmares. Ambos os textos trazem a importância de Dandara como um símbolo de representação para o povo negro.

Acreditamos que as crianças e os jovens irão apreciar essas poderosas linguagens e suas formas de narrar, pois como observamos em Ieda de Oliveira (2008) que não há uma maneira absoluta de narrar, de ver, de olhar e sim pontos de encontro, entre esses diferentes modos de observar e ler o mundo. A relação do leitor com a sua percepção da imagem, de como ele compreende as experiências vividas, através dos seus olhares e do que está em seu entorno, trazem compreensões diversas, significativas e até inéditas.

A Palmarina rompe com os estereótipos construídos, em torno da figura da mulher, sem deixar a sua feminilidade de lado, ama, casa-se e tem filhos. Mas sempre esteve além do esperado: transformou pensamentos sociais com a sua voz forte que ecoava por toda Serra da Barriga. O cordel de Jarrid Arraes é um trabalho sólido, contemporâneo que pode ser lido em consonância com múltiplos diálogos.

Cabe aos críticos, como destacam os autores: Grínor Rojo, Sara Rojo e Graciela Ravetti em seu livro escrito no ano de 2012, intitulado: *Para uma crítica política da literatura: três perspectivas latino-americanas*, ter sensibilidade, observar os detalhes, as motivações, as paixões e as manipulações. O papel do crítico é tentar atravessar esse labirinto

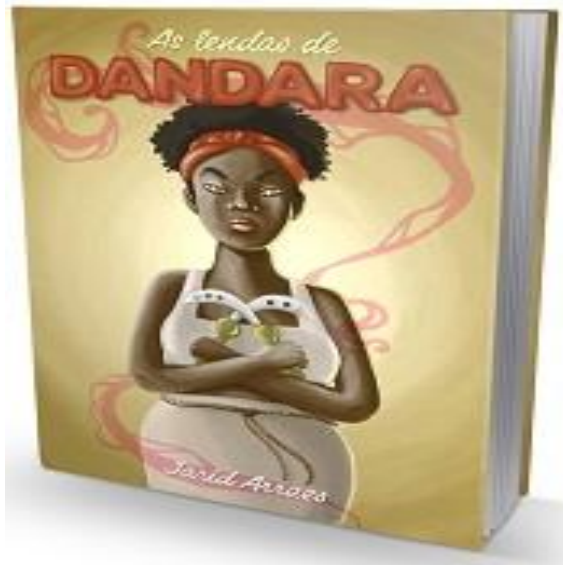
linguístico que as linguagens formam entre si, para atingir as nossas emoções. Entendendo que com isso é possível trazer questões, discuti-las e avaliá-las.

A seguir anexamos algumas imagens ilustradas por Aline Valek, para que o seu trabalho, também possa ser apreciado pelos leitores, pois acreditamos que a escrita e as ilustrações mantiveram uma parceria que corrobora, para o resgate da cultura, da religião africana, da ancestralidade e da identidade do povo que viveu e lutou por Palmares. As imagens que escolhemos para compor esse artigo são de momentos que percebemos como simbólicos. Estão na sequência: 1, 2, 3, 4 e 5 com os devidos comentários sobre o que representam.

A primeira ilustração se refere ao momento que por insistência de Dandara os guerreiros de Palmares invadem um navio, para libertar pessoas escravizadas. Ela tinha funções muito além de ser a esposa de Zumbi. Injustiçada com tanta maldade ela invade o navio e se apresenta como a guerreira do Quilombo de Palmares. Com essa atitude o navio é guiado de volta ao porto de onde saiu e as pessoas puderam retornar para seus lares. **(Fig. 1):**



Já a segunda imagem que está na capa do livro reproduz exatamente a mensagem que as artistas quiseram passar sobre Dandara. Sua imagem, sua representação de guerreira, sua postura de uma pessoa comprometida com outras. Uma verdadeira filha da África, fruto de uma reunião dos orixás, para levar até Palmares alguém muito especial que poderia defendê-lo dos inimigos que o atacavam. Filha de Iansã, sua extensão que saiu de sua espada, toda iluminada e respirando ausência de medo. **(Fig. 2):**



A terceira imagem é a representação do nascimento de Dandara. Sua mãe Iansã festeja o seu nascimeto segurando-a em seus braços. Trovões, raios, sons ecoados pela natureza, redemoinhos de ventos e espirais rosadas: Dandara a mulher que irá lutar pela libertação dos negros, tomada pela esperança que a fez atravessar o oceano nos braços da mãe Iansã. Foi criada para ser destemida, corajosa e uma guerreira fantástica. **(Fig. 3):**



A quarta imagem é a de Dandara e Zumbi no rio, num beijo de amor que parecia quase um sonho. O cenário era marcado pela água azul e o sol que iluminava tudo ao seu redor. Suas expressões faciais eram de um casal que desfrutava com prazer da companhia do outro e que poderiam passar horas ali nessa mesma missão. Percebemos que havia um compartilhamento, uma cumplicidade e uma forte emoção durante esse encontro, no qual frases como “eu te amo” foram proferidas por ambas as partes. **(Fig. 4):**



E por fim, concluiremos nossa pequena análise com a quinta imagem que retrata um dos momentos mais quentes desse cordel. Um momento em que a ilustração mostra a figura de Dandara soberana, majestosa, uma líder em ação. Seu corpo ocupa um tamanho elevado nessa página, ela tem uma tocha acesa nas mãos, seus olhos brilham e se destacam entre o jogo de luz e sombra. Ela caminha como quem cumpriu uma grande missão e no fundo da imagem da casa grande está em chamas, tomada pelo fogo. Sim Dandara surpreendeu a todos com a sua atitude corajosa e firme, não temia o fogo e entrou na casa grande, para salvar as pessoas e conseguiu resgatá-las. Quando questionada por Zumbi em relação ao seu grande heroísmo, ela responde que era o mínimo que poderia ter feito. **(Fig. 5):**



Conclusão

Sabemos que na nossa sociedade ainda é preciso desaprender algumas coisas que se solidificaram e não são positivas. Precisamos expurgar o mal-estar que isso tudo nos gera e recomeçarmos outra vez. Como nos alerta Angela Davis (2018), devemos estar atentos para novas formas de pensar, tais como, absorver a arte de desaprender algumas coisas como, por exemplo, o racismo e treinar outras como, a sensibilidade.

As lutas feministas fazem um trabalho muito importante envolvendo mulheres e homens que possuem perspectivas ricas a respeito do tema. Há uma convocação para que lutemos pelo desenraizamento de tudo aquilo que nos limita, que nos tire das prisões. O objetivo de um texto que pertence a uma luta de qualquer minoria é transformar a sociedade, na qual a força potente seja constituída, primeiramente das necessidades do povo e não do capitalismo.

Por sabermos que muitos personagens brasileiros foram apagados da História que foi contada pelo vencedor e privilegiava apenas os feitos do exército português, entendemos a razão de encontrarmos, pouquíssimas pesquisas sobre Palmares e seus habitantes, quem dirá sobre mulheres que faziam parte do Quilombo. Desse modo, sua existência oscila entre a ficção e a História.

É curioso perceber que ao estudarmos a história hegemônica, notamos que não há nenhuma referência sobre Dandara, simplesmente a ignoram, mas a literatura vem ganhando um espaço, para recriar a historiografia, com o estudo que visa além dos documentos oficiais, as histórias contadas pelo povo, tudo aquilo que foi guardado e passado de um familiar para o outro.

Como a historiografia deixou muitas lacunas, a literatura persiste reescrevendo as histórias baseando-se nas crenças populares abraçadas pelos povos de geração em geração. Os contos e as lendas que crescem em torno dessas personagens transformando-as em mitos que são representativos para essa comunidade. Essas personagens apagadas pela História, são muitas vezes, uma grande inspiração, para homens e mulheres se tornarem mais fortes e lutarem para que essas histórias sejam reconstruídas à luz de uma força e resistência que não aceita mais somente uma versão imposta pelo poder dos vencedores.

Diante do exposto, notamos que é preciso ser um crítico vigilante em relação ao que nos cerca, na massa de mídia, existem ainda representações que são altamente prejudiciais às pessoas. Como constata bell hooks (2019) as relações opressivas estão por toda parte. É por isso urgente fazer uma revisão dos nossos valores sociais, pois estamos sendo bombardeados por imagens profundamente negativas do que é ser negro. Imagens as quais confundem a psique de todos. Mesmo com tantos trabalhos esclarecedores e estimuladores, para se reler o tema, as atitudes negativas rondam e logo após, invadem os terrenos prontos para plantio das novas sementes.

THE LITERATURE AND THE FEMININE REPRESENTATION IN: DANDARA THE BLACK HEROINE OF PALMARES

ABSTRACT: The present article aims to present the book *The legends of Dandara* by the author Jarid Arraes, which is a narrative of the rescue of memory and history. The book is a string that tells the story of a black woman who was a great leader, a great warrior who fought alongside Zumbi of Palmares, to defend the black people and the Quilombo.

Keyword: Literature. Representation. Heroine. Woman. Dandara.

Referências

ARRARES, Jarid. *As lendas de Dandara*. São Paulo: Cultura, 2016.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 7. ed. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. Organização Frank Barat. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.

FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

HOOHS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução Stefani Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Tradução Mariana Appenzeller. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.

ROJO, Grínor; ROJO, Sara; RAVETTI, Graciella. *Por uma literatura política da literatura: três perspectivas latino-americanas*. Belo Horizonte: Nandyala, 2002.

OLIVEIRA, Ieda. *O que é ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2008.

SANTOS, Mirian Cristina. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Data de submissão: 26/06/2019

Data de aceite: 28/08/2019